



trans
alguma
coisa

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL**

LÍRIO GIULIA D'AIUTO BARRETO

**TRANSALGUMACOISA – VERDURA REAL: ARTE, CORPO E TRANSE.
UM PROJETO A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA DE IMERSÃO ARTÍSTICA E
CULTURAL.**

NITERÓI
2022

LÍRIO GIULIA D'AIUTO BARRETO

TRANSALGUMACOISA – VERDURA REAL: ARTE, CORPO E TRANSE.
UM PROJETO A PARTIR DE UMA EXPERIÊNCIA DE IMERSÃO ARTÍSTICA E
CULTURAL.

Trabalho final de conclusão de curso de
graduação como parte das exigências para a
obtenção do título de Bacharel em Produção
Cultural na categoria Projetual.

Orientador: Prof. Luiz Mendonça

Niterói

2022

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

B273t Barreto, Giulia D'Aiuto
TRANSalgumaCOISA - Verdura Real: Arte, corpo e transe. : Um projeto a partir de uma experiência de imersão artística e cultural. / Giulia D'Aiuto Barreto ; Luiz Mendonça, orientador. Niterói, 2022.
56 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção Cultural)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2022.

1. Música. 2. Instituição de ensino. 3. Transdisciplinaridade. 4. Percepção. 5. Produção intelectual. I. Mendonça, Luiz, orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD -



COORDENAÇÃO DE
PRODUÇÃO CULTURAL



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PRODUÇÃO
CULTURAL

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO E DEFESA DE TRABALHO FINAL II

Ao décimo dia do mês de Fevereiro de 2022, às onze horas e trinta minutos, realizou-se de forma remota (online), excepcionalmente, em conformidade com a Decisão Nº. 100/2020 de 21/05/2020, do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal Fluminense, a sessão pública de arguição e defesa do Trabalho Final II intitulado "TRANSalgumaCOISA - Verdura Real: Arte, corpo e transe.", apresentado por Giulia D'Aiuto Barreto, matrícula 115033011, sob orientação do(a) Prof(a). Me. Luiz Mendonça .

A banca examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

1º Membro (Orientador(a)/Presidente): Me. Luiz Mendonça

2º Membro: Drª. Flávia Lages

3º Membro: Drª. Tetê Mattos

Após a apresentação do(a) candidato(a), a banca examinadora passou à arguição pública. O(a) discente foi considerado(a):

Aprovado

Reprovado

Com nota final após arguição:

E para constar do respectivo processo, a coordenação de curso elaborou a presente ata que vai assinada pelo presidente da banca:

Presidente da Banca

SIAPÉ 0403715

Aos anos que mudaram o rumo da minha vida para o interior de mim e aos guias que me protegeram e provocaram meus tropeços ao longo do caminho.

Agradecimentos

Agradeço pela trajetória que tive junto à TRANSalgumaCOISA e àquelas que estiveram presentes durante esse período. Agradeço a mim, por me permitir viver esta experiência que tanto me proporcionou novas formas de ser e estar e diversos aprendizados. Agradeço a todos que se permitiram e se permitem serem tocados no espírito pela energia que buscamos ao longo do processo que transcorre corpo e alma.

Agradeço a Yuvita Gustinelli, Kelvin Kéco, Tulio Marcon, Marlon Andaluz, Clara Chroma, por me acolherem como em um ato de boas-vindas a uma nova vida. Agradeço aos afetos que me surgiram a partir desta experiência; à Ingá Patriota, por ter o coração que tem; à Carol Lobo por fazer de nosso encontro parecer um reencontro; à Beatriz da Matta por fazer me sentir em casa.

Meus agradecimentos a Matheus Valadão, meu grande amigo que me acompanhou durante o curso de Produção Cultural e agora para toda a vida. Agradeço a Geovana Araujo e Ariel Philippe por terem sido minha primeira família em Niterói e por me apresentarem de forma tão calorosa o teatro. Agradeço aos professores que trouxeram sentido a esta jornada; obrigado, João Domingues, Luiz Mendonça, Flávia Lages, Martha Ribeiro, Wallace de Deus. Em vocês me inspiro.

Um agradecimento especial para Flora Holderbaum, que por pouco tempo me orientou e neste curto período me inspirou, instigou e, principalmente, ajudou a acreditar um pouquinho mais em mim, de forma que este projeto não seria possível existir do jeito que é sem sua presença no momento certo.

Agradeço a Felipe Neiva, por tudo: pelo colo, parceria e companheirismo. Por ser amor.

Agradeço aos meus pais, que os amo e me fizeram existir, e pelas reconstruções e transformações que tivemos em nossas relações ao longo dos anos.

Agradeço às minhas irmãs que me trazem brilho e sentido à vida sempre que ela parece sem cor.

Resumo

O presente trabalho busca desenvolver um projeto de lançamento musical que conta com a gravação ao vivo de um primeiro álbum e materiais audiovisuais da banda independente e universitária de Niterói “TRANSalgumaCOISA”. O projeto se justifica por meio da pesquisa sobre a arte como potência de subversão e transformação dos corpos, contextualizando-a às experiências e trajetória da banda e equipe durante o período de 2016 a 2019.

Palavras-chave: Música independente, universidade, arte transdisciplinar, corpo, percepção, mercado musical.

Abstract

The present work seeks to develop a musical release project that includes the live recording of a first album and audiovisual materials by the independent and university band from Niterói “TRANSalgumaCOISA”. The Project is justified through a research about art as a power of subversion and transformation of bodies contextualizing it to the experiences and trajectory of the band and its team during the period from 2016 to 2019.

Keywords: Independent music, university, transdisciplinary art, body, perception, music market.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Pintura de Junho de 2018.....	31
Imagem 2: Desenho/pintura durante ensaio da banda. Julho/2018.	31
Imagem 3: Desenho/pintura durante ensaio. Julho/2018.	32
Imagem 4: Desenho com formas inspiradas durante o processo. Agosto/2018.....	33
Imagem 5: Desenho com formas inspiradas durante o processo. Agosto/2018.....	34
Imagem 6: Pintura conjunta com a artista Juliana Sutil.	35

LISTA DE VÍDEOS

Vídeo 1: Rabequeiro Marlon batuca escada em show no Centro de Artes da UFF..	17
Vídeo 2: Público interagindo em apresentação no Centro de Artes da UFF.	18
Vídeo 3: Pessoa da plateia declamando um poema no palco durante apresentação.	18
Vídeo 4: Música “Verdura Real” em apresentação no Centro de Artes da UFF com imagens da ocupação projetadas no telão.	19
Vídeo 5: Gravação de momento de apresentação no Centro de Artes da UFF com interação com plateia.	22
Vídeo 6: Registros de apresentação no Centro de Artes com interferências da plateia	23
Vídeo 7: Videoclipe da Música “Alienígena”	35
Vídeo 8: TRANSalgumaCOISA e circo no evento “Primavera dos Artistas na Cantareira”	36
Vídeo 9: Performance com TRANSalgumaCOISA na Lapa, Rio de Janeiro, RJ.....	37

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Cronograma.....	46
Tabela 2: Orçamento	49

SUMÁRIO

PARTE 1: REFLEXÕES TEÓRICAS	9
1. Introdução	10
2. Apresentação	11
3. Metodologia.....	12
PARTE II: DESENVOLVIMENTO	14
1. Notas sobre minha trajetória e contribuição à TRANSalgumaCOISA	15
2. Trans, transe e transa: o que é a TRANSalgumaCOISA e como ela toca quem a escuta?	16
3. Banda-coletivo - Trajetória e relevância.....	19
4. Correlações entre TRANSalgumaCOISA, transdisciplinaridades, corpo e percepção.....	24
5. Transe: Improvisação, tempo, ritual.....	26
6. TRANSalgumaCOISA, atmosfera e interdisciplinaridade na prática: correspondências em imagens do inconsciente.	29
PARTE III: CONCLUSÃO	38
Desvios e dificuldades da arte e dos corpos: é possível a busca por fazeres subversivos?	39
PARTE IV: PROPOSIÇÃO PROJETUAL	42
Apresentação.....	43
Objetivos.....	43
Estratégias de ação	44
Plano de divulgação	44
Contrapartidas	45
Público alvo	45
Cronograma de execução.....	46
Orçamento	47
1. Discriminação e detalhamento do orçamento:	47
2. Planilha orçamentária.....	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52

PARTE I: REFLEXÕES TEÓRICAS

1. Introdução

O presente trabalho tem como proposta realizar o projeto de lançamento do primeiro álbum ao vivo da banda TRANSalgumaCOISA, “Verdura Real”, de forma a explorar formatos para além de um lançamento de álbum tradicional, considerando as questões que envolvem a configuração artística e coletiva do grupo. O álbum “Verdura Real” conta com 6 músicas autorais gravadas ao vivo e materiais audiovisuais adjacentes, sendo eles: uma *live session* a partir da filmagem da gravação do álbum e 3 curtos episódios de um minidocumentário que se dará a partir dos registros deste processo. Além dos integrantes, o projeto conta com a participação de performers e artistas parceiros e será composto pelos mais variados formatos e linguagens artísticas em seus materiais resultantes.

Como justificativa para a realização deste projeto, desenvolvo nesta monografia uma reflexão teórica com base nas implicações artísticas e experiência como produtor e membro da banda independente de Niterói “TRANSalgumaCOISA”. Leva-se em conta temáticas como corpo, arte, ritual e percepção, a partir da dinâmica da banda entre si e a coletividade e parcerias que a rodeiam e sustentam, em sua forma de fazer, pensar e tocar música, nas interrelações e cruzamentos da música com diferentes linguagens e em suas apresentações ao vivo.

A reflexão teórica deste trabalho foi dividida em introdução, apresentação, metodologia, desenvolvimento e conclusão. Na apresentação, discorro sobre as razões de ter escolhido essa temática para minha monografia projetual, e adianto algumas questões das quais serão abordadas; na metodologia, descrevo as motivações e formas como pude realizar este trabalho; no desenvolvimento, falo sobre a trajetória e características da banda de forma a contextualizá-las à pesquisa realizada para então desenvolvê-la; na conclusão, finalizo as questões trazidas ao longo do texto que justificam o projeto. Tais tópicos foram, no entanto, divididos de forma intuitiva para que o leitor possa compreender minuciosamente as questões e o processo abordado assim como, de certa forma, possa, dentro do possível, imergir na arte do grupo.

2. Apresentação

Escrever uma monografia sobre o período em que estive com a TRANSalgumaCOISA e sobre a própria banda se vale de expor, explorar e adentrar cantos dos mais íntimos de minha subjetividade, transitando entre as artérias que existem na ponte, superfícies e profundezas entre arte e vida, e no que valorizo enquanto existência no mundo. Parto do ponto de vista de minha intensa experiência de produção do grupo, que se deu a partir de junho de 2018. Realizar esta pesquisa permitiu-me debruçar conceitualmente sobre a experiência, a qual me trouxe a todo segundo reflexões sobre arte que tocavam e transpassavam minha existência. Experienciar a arte através da Transa¹ me permitiu perceber as sensações de forma viva em meu corpo, como se partissem do topo de minha cabeça e descessem pela minha coluna vertebral, passando por cada um de meus nervos enquanto sentia-me tocado pelo som e pelos laços que formavam o tronco da banda. Tal experiência, vivi e ainda vivo. O conceitual aqui, então, está repleto de força que se materializa no **corpo** e espero poder tocar o leitor de forma que o mesmo possa sentir algo próximo através de minhas palavras, pesquisa, relatos, registros e observações. Arrisco-me a iniciar o texto de forma sutilmente poética e pessoal, dada a importância no próprio trabalho de debruçar-me sobre questões que abordam temas tais quais a arte, percepção, corpo e **cuidado**, que me atravessaram durante a experiência a qual possibilitou que esta monografia se tornasse realidade. Por isso e, portanto, sigo destacando: as reflexões aqui obtidas transpassam pela **experiência do corpo**, e a percepção é parte do **corpo do processo**.

A Produção Cultural e a Arte não andam separadas ou em desalinho. Para contextualizar as questões que enfrentamos nessa trajetória é impossível ignorar o que se passou entre aqueles que compartilharam desta vivência; não apenas banda e produtor, mas igualmente público, parcerias e todos que fizeram parte desta rede, nos pensamentos do dia, da noite e no entre, nos entreolhares, respiros, e nas forças nossas e naquelas que nos envolvem. A TRANSalgumaCOISA em nenhum momento existiu sobre alguma linha de separação. Ela se contrapõe ao conceito cristão de distanciar e desconectar corpo e alma. Ela caminha no meio e na totalidade. Que

¹ Forma abreviada para se referir à TRANSalgumaCOISA.

minhas palavras sejam transparentes; cristalinas. E possam transmitir o que a banda traz ao invocar a todo tempo o prefixo “trans”. As dificuldades, é claro, transitam entre as dilatações.

3. Metodologia

Para dar cabo a minha pesquisa, parti de um desejo que surgiu ao longo de minha experiência com a banda TRANSalgumaCOISA de desenvolver as inspirações e questionamentos que me vieram ao longo do processo. Inicialmente, esse estudo se iniciou através de uma leitura que eu realizava naquele momento: “O Espiritual na Arte, de Wassily Kandinsky. Também decidi buscar em obras de Michel Foucault possíveis questões que já haviam surgindo em minha mente. Ao longo de todo esse período pude explorar novos questionamentos que me levaram a buscar, inclusive, outros autores que se afinavam com o trabalho.

A partir de minha leitura de Kandinsky, busco e vejo, ao entender corpo e alma, a forma como tais forças se conversam por meio da percepção – o que me leva a um texto lido anteriormente em minha trajetória acadêmica, “Pequenas Percepções”, de José Gil. Como consequência, passo a elencar minhas reflexões ao pensar a arte como cuidado de si e cuidado de si como obra de arte, que pude encontrar nas últimas ideias desenvolvidas por Foucault em sua passagem pela vida. Sinto que nela e em suas transgressões se situa a possibilidade de ascensão no presente, em contínuo espaço-tempo, no invisível que se configura nas dobras da linguagem de onde ela se torce entre criação, sujeito, pensamento e movimento.

Foucault me auxilia a compreender para além dos modos de sujeição e dominação dos corpos que se presentificam neste texto, nos atravessamentos do cotidiano e na educação. Ao investigar práticas que enfrentam os limites do poder a favor da liberdade, busco compreender as forças pulsantes da arte e do sujeito como uma seta em movimento apontada para um futuro do qual não enxergamos suas formas e silhuetas por completo, porém, o construímos dia após dia. Futuro em que criamos, transformamos, em identidade fluida, luta, disputa e passagem, a liberdade, as subjetividades, os labirintos que tecemos através de nosso ser e nosso ser coletivo.

Matheusa Passareli, sua trajetória e as confluências que sua pesquisa possui com este trabalho muito me serviram de inspiração.

Nos outros autores que se dedicaram a pesquisar corpo, transe, magia e ritual, compreendo e comunico as formas das quais a TRANSalgumaCOISA, em sua ação e criação, delinea seus modos de se aproximar da liberdade e dos cuidados de si, como forma de enfrentamento às normas que criam amarras sobre os corpos.

Nesses textos, falas, pensamentos e experiências que teço em palavras, decido colorir minha pesquisa junto ao colorido da arte que aqui se apresenta, e assim aprender mais sobre as frestas que existem dentre os nós para costurar caminhos que não aqueles já entregues, para que possamos ir além dos moldes que hoje são de imediato apresentados como única e viável possibilidade.

PARTE II: DESENVOLVIMENTO

1. Notas sobre minha trajetória e contribuição à TRANSalgumaCOISA

Ao ser chamado no ano de 2018 para produzir a TRANSalgumCOISA, deparei-me com um grupo de pessoas que se estendia para além dos 3 principais integrantes da banda até então. O grupo não se trata somente sobre seus “integrantes” – não havia surgido a partir de um desejo individual, e suas criações nascem essencialmente em um ambiente de coletividade, afeto e parceria múltipla. Logo me vi fazendo parte de um coletivo – ou como muito já havíamos chamado, “banda-coletivo” -, e apesar de ocupar a princípio a função de produtor, entendi de primeira o quanto as funções e lugares se misturavam e como cada indivíduo se torna potência de criação. Este indivíduo se complexifica na fragmentação que passa ao se embebedar da fluidez deste corpo coletivizado, deixando de ser apenas uno - não se tratava de uma horizontalidade nas relações do projeto; para além disso, faço a primeira associação e elucidação do significado que carrega o nome da banda: as relações acontecem de forma atravessada, **transpassada**. Quem cria produz, quem produz cria, quem de fora vê, também cria: é ativo no processo. Aquele que está dentro também ocupa o lugar de passivo. Afinal, o afeto pelo corpo multiplica. Quem uma vez já esteve presente, permanece, de alguma forma, e carrega em si as afetações. Torna-se família, do tipo que se cria, escolhe, constrói e porque não, desconstrói.

A música da banda, assim como se reflete nas relações que a compõem, envolve. Ela se estende a partir do improviso e da ciclicidade que gira como a dança, a energia, os ciclos da vida, e se transforma a todo tempo para marcar e se moldar àquelas que estão presentes dos pés à cabeça. Trata-se de um ritual, uma vivência corpórea em sua totalidade. Dentro do que a arte pode trazer por consequência de si, encaro a subversividade como parte de sua essência, e ali ela estava: os corpos, uma vez tão enrijecidos pelos enquadramentos do cotidiano, logo amoleciam ao serem envolvidos pelo som, calor, e o acolhimento que é estar junto daquele coletivo.

É por isso e dessa forma que apresento o projeto “Verdura Real”. “Verdura Real” propõe manter em um material de registro sonoro suscetível à reprodutibilidade um estado de presença que a banda atinge por meio de sua música e que se exalta na performance ao vivo. Seu nome se refere aos espelhos da natureza que o verde reflete no profundo de nossos olhos. A verdura real revela as intensidades e transitoriedades que há no que chamamos de agora, a liberdade do ser na presença,

a ciência da cura que existe em um olhar amplificado da folha. E nesse olhar, a entrega à simples magia entre os seres em sua essência de desejo de liberdade e a natureza, para estar no mundo em constante movimento, no trans, em constante transformação e transmutação.

2. Trans, transe e transa: o que é a TRANSalgumaCOISA e como ela toca quem a escuta?

A música da TRANSalgumaCOISA é criada a partir de relações entre forças que surgem na espontaneidade do improviso e na troca do presente; é repleta de poesia no que se toca e no que se canta; é lúdica e inteligente, nas divertidas brincadeiras que carregam profundos significados entre cada palavra cantada. Cantam e tocam a liberdade, a entrega, magia, ritual, natureza, vida, morte, transformação e cura por meio da arte. Suas apresentações ao vivo costumam levar o público a diferentes estados de presença - são como um convite para que este se envolva de forma participante e se entregue em corpo, alma e dança, assim como em um estado de transe. Suas provocações criativas que surgem na chama do improviso remetem a uma sonoridade a qual, se tentarmos descrever em gêneros e palavras, poderíamos dizer ser resultante do que há no encontro entre diversos ritmos musicais e possibilidades sonoras – Rock, Jazz, Funk, Samba, Experimental -, compondo uma atmosfera sensível a partir das interlocuções entre vozes, instrumentos e outros possíveis objetos sonoros.

Sendo assim, uma parte considerável de suas experimentações, impulsos e processos criativos muito se relacionam com elementos e ideias de Pierre Schaeffer² no que tange à composição a partir de uma prática musical concreta e do uso de objetos sonoros. Esta relação se dá, como por exemplo, pelo aproveitamento e reapropriação de sons que parte do meio, das provocações do ambiente e possibilidades do entorno, assim como reapropriações e formas inovadoras de se tocar um instrumento musical tradicional e a utilização do que à princípio poderia ser entendido apenas como ruído para compor suas criações sonoras - ainda que o grupo se mantenha dentro de um formato mais tradicional de “banda”. Esse processo

² Informações adquiridas no vídeo “Portal do som: Objeto sonoro – Confecção de Instrumentos” que se encontra nas Referências Bibliográficas deste trabalho.

permanece vivo nos momentos em que os integrantes criam e performam suas músicas entre si e para outres.

A partir deste ponto, ilustro minha pesquisa por meio de algumas demonstrações visuais e audiovisuais, de forma que o leitor possa compreender os nuances multidisciplinares deste trabalho e do trabalho da banda, uma vez que somente a linguagem escrita não bastaria.

No próximo vídeo, é possível perceber uma interferência menos tradicional de informação sonora em uma das mais importantes apresentações ao vivo da Transa, no Centro de Artes da Universidade Federal Fluminense. Infelizmente, muitas das gravações apresentadas estão com o áudio danificado, devido a esses registros terem sido realizados somente com a câmera, sem captação de áudio.

Vídeo 1: Rabequeiro Marlon batuca escada em show no Centro de Artes da UFF.



Fonte: Youtube da banda

Muito são bem-vindas as interferências daquelas de fora para que possam colaborar com seu toque único, ainda que regado de amadorismo, pois também este faz parte da chama criativa que habita o cerne do grupo. Podemos associar o próprio radical da palavra “amador” – mesmo que cada integrante derive de trajetórias, escolas, ideias e técnicas distintas - à parte dos alicerces que sustentam o trajeto da banda – o amor, afeto, a paixão - que independe do perfeccionismo profissional seguido à risca, e que muito serviu de combustível para que diversas ideias e desenvolvimentos engatassem para a realização. De certo modo, pode-se dizer que esta

condição de apaixonamento pode ser armadilha para alguns tropeços ao longo do caminho, principalmente no que se tange na profissionalização diante de um cenário pouco convidativo. No entanto, tais barreiras podem garantir aprendizados por meio dos processos realinhados ao tempo, imersão e identificação de fragilidades latentes. Dito isso, é perceptível que há, nos encontros - os quais a todo tempo maturam aqueles que deles fazem parte -, a partir de aprendizados catalisados por movimentos regados de desejo, sonho e afeto, um momento mágico que surge como em um buraco no tempo. As trocas e encontro fazem parte do cotidiano da Transa:

Vídeo 2: Público interagindo em apresentação no Centro de Artes da UFF.



Fonte: Youtube da banda

Vídeo 3: Pessoa da plateia declamando um poema no palco durante apresentação.



Fonte: Youtube da banda

3. Banda-coletivo - Trajetória e relevância.

O surgimento da TRANSalgumaCOISA se dá por meio de parcerias e encontros que se desenvolveram ao longo da universidade e principalmente durante a “Ocupa Novo IACS” – ocupação que aconteceu no ano de 2016 no prédio que até hoje promete abrigar o Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense, cuja construção é esperada há cerca de trinta anos e fora diversas vezes paralisada e sua entrega já muito prometida, porém até então não realizada – em um processo de pensar novas universidades e de questionar sua função social, precariedade do ensino e da instituição pública e descaso frente aos alunos, professores e sociedade, com atividades abertas que traziam resistência, vivência coletiva e diversas trocas e aprendizados.

Vídeo 4: Música “Verdura Real” em apresentação no Centro de Artes da UFF com imagens da ocupação projetadas no telão.



Fonte: Youtube da banda

A formação da TRANSalgumaCOISA em seu cerne já se inicia como afirmação do coletivo e da luta política alinhada com a arte e suas emergências no contexto da própria vida, o que permanece ao longo de sua trajetória. Segundo Rosa M. B. Fischer

(2015, p. 949), a partir da compreensão de Foucault, o arqueólogo e o estudioso das ciências humanas e da educação, ao invés de procurar as grandes generalizações, se ocuparão das diferenças; daquilo que é inesperado e que se constitui como ruptura na ordem das coisas. É nesse sentido que pessoas de diferentes localidades do país se encontram em cursos direcionados às artes, cinema e outras diversas potências criativas e de produção de cultura, para assim se reunirem e - junto aos estímulos dos encontros, aprendizados e disputas que se formam no ambiente do ensino universitário público - realizarem projetos e intervenções culturais que trazem em si questões desde diversidade cultural, pautas sociais, arte e vida e as camadas do fazer artístico que produzem ferramentas de questionamento e de cura, tão importantes para os diversos corpos, principalmente àqueles dissidentes e as várias subjetividades que compõem as resistências tanto quanto a própria luta em si, em um espaço extremamente potente que é a universidade, na qual muitas vezes reproduz ainda os velhos dispositivos disciplinares e normatizantes da educação em um sistema que compromete a autonomia daqueles que a ocupam. Percebe-se, assim, as construções existentes na universidade como reflexo do descaso generalizado das instituições de poder do país com o ensino público e a variedade dos corpos que o compõe.

Hoje, mais do que nunca, em tempos de retomadas, reapropriações e representatividades, as diferentes subjetividades no ambiente acadêmico precisam ser celebradas - afinal, grande parte do aprendizado adquirido na universidade advém pelas trocas entre aqueles que a ocupam. Matheusa Passareli, pessoa preta, não binária e ex-aluna de Artes Visuais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), brutalmente assassinada em 2018, já abordava esse tema em suas pesquisas - que muito se tratavam de circunstâncias as quais, infelizmente, parecem ter influenciado sua morte - ao pautar seu corpo como algo que muito causava estranheza ao habitar espaços como a universidade e a cidade grande. Em suas palavras, escreveu: “Aprendo que para seguir me mantendo dentro dessa universidade / seguirei gritando a minha história / talvez por uma vontade de nunca esquecer as coisas lindas que eu aprendi e não estão aqui (PASSARELI, [201?]).”³

Para além da experiência, o poder das instituições sobre os corpos também é explicitado em diversos momentos na literatura, como podemos ver a todo tempo nas

³ Trecho retirado de seu texto “Cartografia Social do Crescimento e Desenvolvimento”, sem data de publicação.

pesquisas de Michel Foucault. Trago alguns trechos que retirei do texto “Foucault: A educação para a autonomia”, de Kelmes Holanda de Souza, que confirmam:

A genealogia empreitada por Foucault dá ênfase ao corpo, especialmente nos mecanismos de disciplina e controle sobre estes. Esta ideia se faz presente num dos enunciados de Vigiar e Punir (2014, p. 134) ao afirmar que “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”. (YAZBEK, p. 91, 2005, apud SOUZA, p. 18, 2019)

E este:

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas à formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente (...) o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe (FOUCAULT, 2014, p. 135, apud SOUZA, 2019, p. 28).

Souza afirma que esse fragmento fundamenta uma subjetividade ao mesmo tempo submissa e ativa, e que sustenta o aparelhamento das instituições a partir da existência de “micropoderes” que atuam como força para esse poder disciplinar. Tal maquinaria de poder que produz subjetividades é ativada no interior das instituições. Em espaços dedicados à educação, esse aparato também se perpetua. Vejamos:

Para Rabinows e Dreyfus (1995, p. 112), o controle do espaço escolar pela disciplina possibilita o aparecimento de uma grade organizada de normalização onde o objetivo principal será de supervisionar e disciplinar a experiência no espaço. Essa dinâmica do espaço escolar está estruturada no discurso de verdade que se quer estabelecer. Isso nos possibilita refletirmos a constituição de uma subjetividade ou de um sujeito a partir desses discursos de verdade construídos no interior de cada instituição disciplinar. (...). Por isso, acreditamos que esse discurso de verdade tem como base uma relação de poder e um saber que o estrutura a agir dessa forma e não de outra (SOUZA, p.29, 2019).

A coletividade surge como uma oportunidade de questionar e reivindicar esses espaços e a diversidade que é possível de ser e existir enquanto ocupantes autônomos destes, para além das domesticações e imposições de controle do poder disciplinar normatizante de aprisionamento e obediência dos indivíduos e suas subjetividades.

O vídeo abaixo marca um momento de celebração de uma banda com o público, que ocupam um espaço importante para a sua cidade que dialoga diretamente com a universidade, enquanto imagens da Ocupa Novo IACS são transmitidas ao fundo.

Vídeo 5: Gravação de momento de apresentação no Centro de Artes da UFF com interação com plateia.



Fonte: Youtube

Também perguntou Matheusa Passareli: “como se manter no sistema sem enlouquecer?”. Ela mesma responde: “encontros e contato entre corpos / criação de redes de afeto e proteção / rede de resistência, resistências afetivas” (PASSARELI, 2017).

É no sentido de responder esta e as outras perguntas que busco trazer a seguir informações sobre como a arte e a coletividade pode participar de forma transformadora e libertadora aos corpos enrijecidos através da percepção e dos sentidos, interconexão entre linguagens e trocas entre diferentes subjetividades, a

partir de interlocuções com minha experiência na TRANSalgumaCOISA, a partir da qual muito celebramos a magia, o ritual, e o próprio ser enquanto pratica arte, tanto no lugar de criador quanto de espectador. Das belas palavras de Matheusa, destaco:

Identifiquei em mim vontades que a minha casa não cabia. Vontades que a escola poderia oferecer, escola que nunca termina, universifica, oferece trabalho. A relação territorial está sempre instituída. Em seus municípios prefeituras, em seus Estados, centros. Corpo estranho em deslocamento em busca de estranhamentos contínuos de territórios e culturas. A existência do centro impõe a existência da margem. A existência do centro impõe quadros, normas, leis, organizações e classificações monolíticas ao corpo, movimento centrípeto. Corpo monolito é corpo estranho, ignorante do que não lhe pertence, pode permanecer inexistente. Corpo árvore tem consciência dos nutrientes que a nutrem. Da gota da chuva ao respingar do sol (PASSARELI, [201?]).⁴

O próximo vídeo inclui filmagens publicadas no Instagram pela equipe e pelas próprias pessoas da plateia, e expõe momentos que ilustram o protagonismo do coletivo e a performance da banda ao longo da apresentação. Tais interferências de ambos os lados são a materialização da intenção de manter as corpas habitantes daquele espaço livres durante o momento de magia do show.

Vídeo 6: Registros de apresentação no Centro de Artes com interferências da plateia



Fonte: Youtube

⁴ Trecho retirado de seu texto “Cartografia Social do Crescimento e Desenvolvimento.

4. Correlações entre TRANSalgumaCOISA, transdisciplinaridades, corpo e percepção.

Gostaria de iniciar este capítulo com um pequeno trecho do autor José Gil no texto “Pequenas Percepções”, onde questiona: “O que uma obra de arte apresenta de invisível? Nada que não vejamos” (GIL, 2005, p. 31). Deste modo, pretendo dizer que a arte da TRANSalgumaCOISA ativa os sentidos para além da audição; as formas como a criação de seus conjuntos de sons surgem e vão de encontro às pessoas tangenciam caminhos e trajetos regados de mistério. Não somente pela transversalidade entre as linguagens que o grupo ao vivo apresenta e como se dá a relação entre si durante a composição e execução de suas músicas, mas também pela própria maneira como a arte atravessa as camadas de percepção do corpo daquelas que experiencia. Por meio de estudos sobre a percepção podemos encontrar um ponto de partida para abordar as potências existentes nos entrelaces na música e performance da Transa.

No texto citado, José Gil parte de uma noção leibniziana de pequenas percepções para discursar acerca da percepção humana quando aplicada sobre a obra de arte. Gil descreve camadas de percepção que perpassam por algumas fases, começando por um lugar primário e trivial dos sentidos, onde o sujeito que percebe uma obra primeiro reconhece sensações de estranheza ou familiaridade frente aos elementos desta, para assim, posteriormente, atingir um estágio não-trivial ao alcançar o que há “entre” os elementos primários que de início vão ao seu encontro. Quando se percebe subjetivamente o movimento, espaço e tempo, o espectador pode se reconhecer como parte de uma obra artística ao atingir um nível perceptivo de um olhar que alcança camadas e estruturas mais ocultas de seu próprio ser. Essa última fase se caracterizaria pela percepção de todo esse conjunto onde há o deslocamento entre o trivial e não-trivial, na qual “cada percepção singular se oferece por inteiro ao olhar, sem aspectos obscuros ou dissimulados” (GIL, 2005, p. 20), inserindo as formas em uma multiplicidade virtual por meio deste deslocamento, movimento e transição.

Sem pretensões de formular e desenvolver tais bases teóricas para este pensamento, porém certo de que pensar a percepção na arte transpassa por “múltiplos domínios, como a estética, a etnologia, a psiquiatria, a retórica” (GIL, 2005, p. 19) e outros, José Gil permite que aprofundemos as ideias sobre a capacidade do

olhar e do sentir do ser humano em sua totalidade, ao expandir seus canais de percepção quando em estado de abertura para a arte. Eu associaria a união dos diferentes sentidos em estado expansivo à própria união das artes em si, considerando que cada uma pode estimular cada sentido de forma diferenciada, porém, ainda assim, é possível estabelecer um conjunto.

Abre-se **o corpo** para perceber as quantidades e intensidades de forças, macroscópicas e microscópicas, que emanam de uma obra, ao ser vista, ouvida e/ou sentida; permite-se passar por estados de transformação. Também o criador está completamente sujeito a recriações de si, como explicitou Foucault: “Por que um pintor trabalharia, se ele não é transformado por sua pintura?” (Foucault, 2014, p. 204). Gil explica que esse sentir expandido das pequenas percepções, segundo Leibniz, abre espaço para a “ausência de consciência de si” (apud GIL, 2005, p. 22), sendo assim, inconscientes e microscópicas. **A arte, então, pode servir como uma ponte entre consciente e inconsciente.** Para Gil (2005, p. 24), “podemos dizer que, por consequência dessas pequenas percepções, o presente está pleno do futuro e carregado do passado”.

Leibniz aborda o conceito de atmosfera. Segundo ele, conforme citado por José Gil (2005, p. 26), “as pequenas percepções são “essas impressões dos corpos vizinhos que envolvem o infinito”.” Sobre a atmosfera e corpo, temos esse trecho de Gil:

Se a atmosfera é feita de tensões entre micropercepções é porque resulta de **investimentos de afeto que abrem os corpos**. Na verdade, é o corpo que “percebe” a atmosfera, sua densidade, sua porosidade, sua rarefação, seu teor de acolhimento ou de exclusão, sua velocidade de transformação, sua rugosidade ou, às vezes, seu aveludado que nos atrai como uma doença. Se o corpo percebe todas essas modulações da força é porque está **aberto**, ou seja, suas próprias forças entraram em contato com as forças da atmosfera. Pois a atmosfera induz à abertura dos corpos, convidando à osmose. Ela constitui um meio que impregna imediatamente os corpos, quebrando a barreira que separa o interior do exterior, um corpo de outro corpo, os corpos e as coisas (GIL, 2005, p.27, grifo nosso).

A percepção, então, pode ser compreendida como um canal entre o corpo que se abre e a atmosfera.

5. Transe: Improvisação, tempo, ritual.

O corpo, os corpos, as corpos. São várias, e por que não buscar as mais variadas significâncias desse complexo de corporalidades? Entendendo o corpo em sua abertura e expansividade, busco sua interlocução com a arte e transformação. Como podem os corpos beberem da arte e como pode a arte vazar dos corpos?

Considero a arte como esta possível ferramenta de expansividade da percepção, sendo o corpo por ela suscetível a afetações, mas também detentor de diferentes formas de se colocar no mundo e de serem vividos como meios de busca por novas liberdades, subjetividades e estados de presença na totalidade do ser. Nessa abertura e afetado pela arte, é possível abordar os diferentes estados de presença por meio do transe e do ritual.

São diversos os autores na arte, na performance e no teatro que pesquisam corpo e ritual. Sendo a TRANSalgumaCOISA uma banda que se configura no ao vivo e na criação a partir de formatos performáticos e espontâneos, é possível estabelecer conexões com tais reflexões.

O transe, segundo Campo, como relatado por Brondani (2015, apud RICIERI e CASTANHEIRA, 2017, p. 31) deriva da palavra francesa *transe*, que quer dizer “medo do mal” e é originária do verbo latino *transire*, que significa atravessar – Campo diz que a palavra já foi associada à passagem da vida à morte, para então significar uma passagem entre distintos estados de consciência. Nas pesquisas teatrais, esses estados não necessariamente precisam estar interligados a um ato religioso. Conforme é possível constatar pelo texto “Artaud, Grotowski, o Ritual e o Transe – um teatro de memórias em ação transformadora do corpo” de Rafael Ricieri e Ludmila Castanheira, o pesquisador e diretor teatral Jerzy Grotowsky tem como uma de suas principais pesquisas a profanação do ritual para sua aplicação no teatro, sendo que, para alcançar o Teatro Ritual de modo laico, foi preciso chegar às questões do corpo e fazer deste um objeto de investigação. A partir desta investigação para fins de aperfeiçoamento do performer, um “ritual coletivo” surge e se expande junto a participação conjunta do espectador. Para manter a potência da performance viva, são realizados exercícios em laboratório que trabalham minunciosamente a memória do corpo do performer, de modo que a cada apresentação ele se mantenha presente para além de um ato de representação trivial da obra, e tenha o espectador como

coparticipante. O ator deixa de ser apenas uma ferramenta representativa de uma história e se permite conectar consigo mesmo, desnudar-se, habitar e transitar pelo “entre” a partir de um corpo aberto e perceptivo.

É possível compreender o “Teatro Ritual” como um teatro de memória em ação transformadora do corpo condicionado pelo jogo. Essa ideia se confirma neste trecho de Grotowsky, como citado por Brondani (apud RICIERI e CASTANHEIRA, 2017):

O ritual é um momento de grande intensidade. Intensidade provocada. [...] As testemunhas entram, então, em estados intensos porque, dizem, terem sentido uma presença. E isso, graças ao Performer, que é uma ponte entre a testemunha e algo.

Sendo assim, há um jogo do performer, que carrega memórias e experiências inscritas em cada detalhe de seu corpo e permite se conectar a este para enfim desenvolver métodos de adentrar diferentes estados de percepção. A performance em si algo feito com o propósito de ser vista e, conseqüentemente, ser coletiva, e por isso afeta o espectador de modo a igualmente trazê-lo a um estado total de presença.

Existem diversas correlações entre Teatro e a TRANSalgumaCOISA – além de como o primeiro influenciou a vida dos integrantes dentro e fora da universidade - enquanto ocupantes do lugar de músicos, criadores e performers. Associadas à música, pode-se dizer que se tratam de um elemento essencial para que a música surgisse. Como se a música nascesse a partir deste transe, desta Transa - como se nascesse no próprio ritual. Segundo Grotowsky, “O teatro é a única dentre as artes a possuir o privilégio da ‘ritualidade’” (apud RICIERI e CASTANHEIRA, 2017, p. 25) e segundo Kandinsky (2005, p. 57), a música é “a arte mais imaterial de todas”, e “a arte por excelência para exprimir a vida espiritual do artista.”. A banda se encontra justamente entre as potências da ritualidade e à imaterialidade atmosférica da música.

Diferentes ideias e conceitos acerca de um corpo além do cotidiano foram estabelecidos na literatura e na arte, como pude observar a partir da leitura de Ricieri e Castanheira. O “corpo-novo”, alcançado por meio do contato com o interior de si para se recriar e “corpo sem órgãos” - ambos concebidos por Artaud, sendo o último também explorado por Deleuze e Guatarri -, que flui livre de estruturas e opera por desejos e transgressão de si; o “corpo-vida” necessariamente temporário de Grotowsky; o corpo utópico e o corpo dilatado do dançarino descrito por Foucault, que

mesmo “fora de si” continua sendo corpo... Todos esses abordam um corpo além do cotidiano, e sua impermanência é necessária para que uma construção a partir dele seja possível, mantendo-se lúcido, consciente de suas particularidades conscientes e inconscientes, móveis, em transformação, atualizados em si mesmo e não aprisionados.

Segundo Artaud (2012), o qual Rafieri e Castanheira (2017) descrevem-no como o poeta que aspira à cura do corpo, o artista é um “médico da cultura” que propõe uma “saída corporal para a alma”. Daí percebemos que tais revisões profundas advindas das transformações da experiência e memória do corpo a partir desses estados perceptivos de consciência permite que o indivíduo explore sua subjetividade e uma busca por sua própria cura e autenticidade que possui a transformação como fim e motor.

As ferramentas que a TRANSalgumaCOISA, as partituras criadas pela banda ao interligar corpo e música, ao criarem extensões de seus corpos seja pela voz, por objetos, instrumentos e pela conexão entre si, se configura no tempo e na improvisação. O tempo presente é um tempo que se estende também na verticalidade. Na ampliação do instante é que essa atmosfera se abre, que o corpo ativa, e há o acesso entre as potências que vão além de passado, presente, futuro. Neste ponto, a intuição está em ativa e fertiliza a criação sem que haja controle ou expectativas e o abstrato se materialize de forma imprevisível. Nesta imprevisibilidade, as mais belas artes e criações podem surgir. E este tempo fora do cronológico faz com que os corpos se presentifiquem junto ao abstrato.⁵

É por esta razão que ao compreender aspectos da trajetória da banda buscase concomitantemente analisar o processo criativo e os produtos artísticos gerados por tais processos. O trabalho da banda a todo tempo exalta o aspecto mágico e de ritual da arte, o que permite compreender como esta atinge diferentes subjetividades através da percepção e possui a capacidade de multiplicar entre os sujeitos seus efeitos transformadores. A arte, ao longo de sua história, permanece ocupando espaços políticos e de transformações na sociedade. Apesar de os diálogos que a arte exerce junto à sociedade fazerem parecer com que esta surja como consequência ou somente pelo viés de instrumento de revolução social, terapêutico, expressão,

⁵ Ideias sobre tempo desenvolvidas a partir da leitura do texto de Ana Mansur e Celso Guimarães, “Magia e ação do processo criativo: fluxo entre intuição e estrutura como catalisador projetual”.

entre outros, a arte vai além e, por si só, tem em si o principal foco e objetivo; a própria razão de sua existência e é a própria resposta a seus enfrentamentos. E por isso se permanece exercendo arte; atualizando antigas perguntas e gerando novas respostas. Nas palavras de Kandinsky (2015, p. 38-39):

[...] a arte encontra no caminho ao término do qual reencontrará o que perdeu, o que voltará a ser o fermento espiritual de seu renascimento. O objeto de sua busca não é o objeto material concreto a que o artista se prendia exclusivamente na época precedente - etapa superada -, mas será o próprio conteúdo da arte, sua essência, sua alma, sem a qual os meios que a servem nunca serão mais do que órgãos lânguidos e inúteis. Esse conteúdo, só a arte pode captá-lo, só ela pode exprimi-lo claramente com os meios que lhe pertencem.

6. TRANSalgumaCOISA, atmosfera e interdisciplinaridade na prática: correspondências em imagens do inconsciente.

Como dito anteriormente, a TRANSalgumaCOISA se estende para além da linguagem musical, e de forma expandida por meio das redes que são atravessadas em cadeia após o contato com a atmosfera criada pela banda. Teatro, performance, artes plásticas, audiovisual – acredito que para falar sobre a intersecção entre essas linguagens, preciso trazer neste capítulo mais formas de colorir a pesquisa com demonstrações criativas que traduzem em imagem, som, movimento, as palavras aqui escritas e as sensações que se dão a partir da música. Como vimos, a música e toda sua potência espiritual possui grande facilidade de exprimir o universo interior. Penso que por essa capacidade de servir como um canal entre o imaterial e material, a linguagem musical pode se portar como um portal aberto para que outras subjetividades e linguagens do inconsciente se manifestem por meios dos mais diversos. Essa multiplicidade, esse caleidoscópio de linguagens artísticas, potencializa a sensibilidade e a conexão expressiva de toda profundidade e intangibilidade dessa atmosfera que a arte pode tecer. Frente a tanta riqueza de possibilidades do sensível, trago uma citação de Kandinsky (2015):

Cada arte, ao se aprofundar, fecha-se a si mesma, e separa-se. Mas compara-se às outras artes, e a identidade de suas tendências profundas as leva de volta à unidade. Somos levados assim a constatar que cada arte possui suas forças próprias. Nenhuma das forças de outra arte poderá tomar seu lugar. Desse modo se chegará, enfim, à união de forças de todas as artes.

Cada linguagem artística traz em si sua potência. No entanto, os efeitos das interconexões entre uma e outra e como se complementam despertam camadas que, juntas, dentro de suas complexidades específicas, carregam em si uma força de união, como diferentes dimensões que convivem entre si e fazem parte de uma só unidade.

Durante o período em que estive com a banda, pude me sentir imerse nesta atmosfera a qual aqui busco explicações na teoria dentro do que tange a minha sensibilidade. Desde o início, as sensações me tomavam antes mesmo de frequentar o primeiro ensaio da TRANSalgumaCOISA como produtor, quando frequentei alguns de seus shows.

Com a ida ao primeiro ensaio, um portal de conexão se abriu e me coloquei de forma extremamente receptiva àquela atmosfera; minha trajetória e a da banda transformaram-se, assim como pude, junto aos outros, somar com minha energia àquela que já compunha e contornava a Transa.

Como produtor e artista em um novo processo de afloração da minha sensibilidade, dei início a uma nova pesquisa visual, percorrendo os caminhos pelos quais as cores e os traços espontâneos e orgânicos que muito me surgiam em momentos de afetação pela banda me motivaram a seguir, ao me expressar e criar sem travas, assim como acontecia no processo de criação das músicas - permiti que meu corpo entrasse na mesma dança. E na dança dos corpos e como esta reverberava em minhas extremidades, surgiram registros em cores e movimento ao qual aqui gostaria de trazer. Algo que, de alguma forma, serve como um relato em imagens, registros de minhas visualizações dessa atmosfera musical, em toda sua potência sinestésica, da forma como pude traduzir, quase psicografar, em imagens, dentro das possibilidades e limites de minha expressividade.

Imagem 1: Pintura de Junho de 2018



Fonte: Acervo pessoal

Essa pintura foi primeira inspirada na TRANSalgumaCOISA. Gerei como em um parto, trazendo como pude aquelas formas frescas em minha cabeça através da tinta de forma quase imediata e expurgatória ao retornar para casa após o primeiro ensaio que frequentei. Busquei transmitir a força que senti durante aquela noite; as cores que me transmitiram cada uma des integrantes, a essência delus e de sua música, trazendo elementos presentes como a vela, as luzes, as cores que me rodeavam, que em memória me surgem torneadas por um cheiro que combina madeira e incenso.

Imagem 2: Desenho/pintura durante ensaio da banda. Julho/2018.



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 3: Desenho/pintura durante ensaio. Julho/2018.



Fonte: Acervo pessoal

Passei a carregar comigo um caderno e algumas canetas escolares, entre outros materiais, durante os encontros com a Transa.

Esses dois últimos desenhos foram realizados durante ensaios. Tentei colaborar em momentos de receptivo estado de percepção enquanto presenciava os improvisos e criação musical posicionando-me como canal para transcrever, em rastros de cores explosivas, explorando a potência do entre, das pontes entre consciente-inconsciente, e atravessando os canais abertos pela música que preenchia o entorno. São relatos imagéticos de um estado conjunto de transe provocado pela vulnerabilidade singular que surge da troca musical, quando diferentes corpos e subjetividades se permitem desnudar em som e criação artística.

Ambos os desenhos a seguir realizei pouco a pouco, no decorrer de dias de ensaios, com canetas coloridas infantis, inspirei por movimentos fluidos os quais emergiam em minha mente e sentidos a partir da interferência da sonoridade e das canções da TRANSalgumaCOISA, como algo intrínseco à sua própria natureza.

Todas essas sensações circundavam tanto o meu presente durante esta trajetória que, muitas vezes, ao longo de meus dias, padrões de formas orgânicas passavam pela minha vista como se fossem formas vivas que uma hora se materializariam na realidade exterior.

Imagem 4: Desenho com formas inspiradas durante o processo. Agosto/2018.



Fonte: Acervo pessoal

Imagem 5: Desenho com formas inspiradas durante o processo. Agosto/2018.



Fonte: Acervo pessoal

A pintura a seguir, e a última que exponho aqui, realizei na íntegra junto de minha amiga e artista Juliana Sutil em um dos ensaios da banda. Decidimos levar

nosso material conosco para criar em parceria junto à presença catártica de sua musicalidade.

Imagem 6: Pintura conjunta com a artista Juliana Sutil.



Fonte: Acervo pessoal

Gostaria, finalmente, de trazer outros formatos de cruzamentos existentes entre a sonoridade da banda e diferentes linguagens: o audiovisual e a performance.

Primeiramente, apresento o primeiro clipe da banda, “Alienígena”: este material reúne audiovisual, música e performance e conta com a presença de pessoas parceiras durante a ocupação do Novo IACS que fizeram parte surgimento desta banda-coletivo, em um momento de retorno ao local para gerar juntas esta obra e manter o espaço e as memórias vivas.

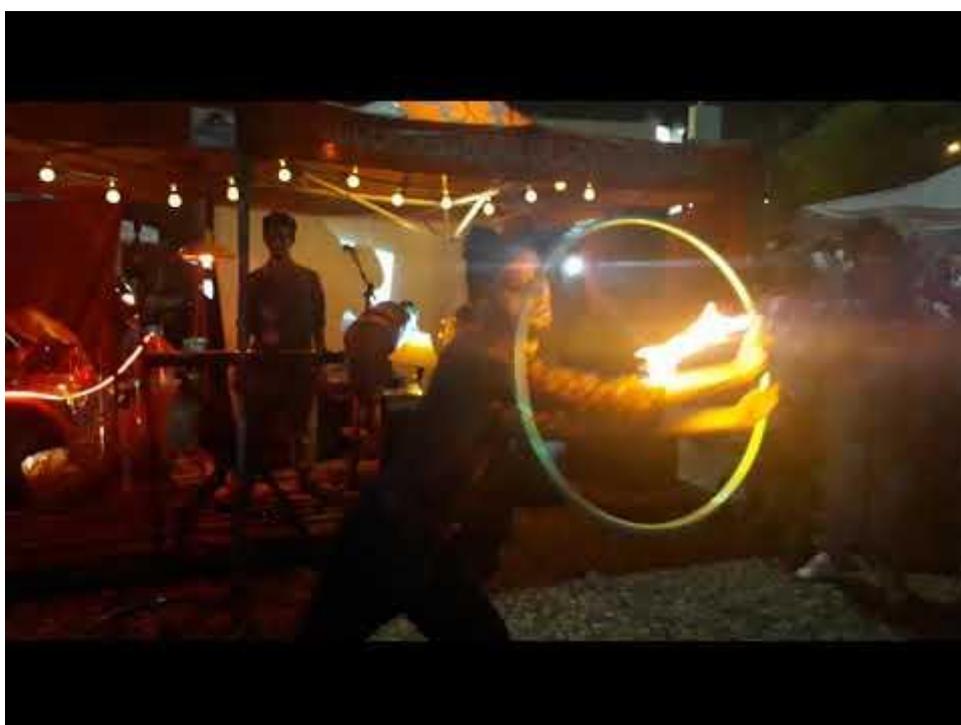
Vídeo 7: Videoclipe da Música “Alienígena”



Fonte: Youtube

Neste próximo vídeo, é possível visualizar uma interlocução entre a apresentação da TRANSalgumaCOISA e artistas de circo – do grupo Flor del Fuego – durante a Primavera dos Artistas na Cantareira, a qual foi idealizada e produzida por TRANSalgumaCOISA e eu como produção. O evento se tratou da ocupação da praça de Niterói com arte e resistência, reunindo o cenário cultural e artístico da cidade com apoio da Prefeitura e da UFF, em um momento crítico caracterizado pelo aumento de ataques de ordem fascista em meio às eleições do ano de 2018.

Vídeo 8: TRANSalgumaCOISA e circo no evento “Primavera dos Artistas na Cantareira”



Fonte: Youtube

O vídeo a seguir foi gravado durante uma apresentação ao vivo no bairro da Lapa no Rio de Janeiro na exposição “Inconformações” de Julho de 2018. Essa performance, chamada “Estado Virente”, de artista Beatriz da Matta, aconteceu durante a apresentação da banda e também contou com a imprevisibilidade do espontâneo enquanto se mesclava show e performance. O que a princípio era uma performance trazida somente por Bia, contou posteriormente com outras pessoas do público, inclusive eu, que se juntaram e se entregaram-se, ao combinar a emoção trazida pela apresentação à forma como o performer se entregava ao momento e à relação com os objetos trazidos por ela.

Vídeo 9: Performance com TRANSalgumaCOISA na Lapa, Rio de Janeiro, RJ.



Fonte: Youtube

PARTE III: CONCLUSÃO

Desvios e dificuldades da arte e dos corpos: é possível a busca por fazeres subversivos?

Frente às dificuldades enfrentadas pelos corpos de se manterem como donos de si que foram apresentadas ao longo do texto, recorri à pesquisa em torno das magias e possibilidades da arte, repleta de capacidade de infiltração e penetração para adentrar as brechas, seja em nós, indivíduos e nossas subjetividades, ou no próprio domínio da arte contextualizada às cadências do material. Sem tratar de recortes específicos quanto ao mercado artístico e musical, reconheço de forma macrológica as transformações sugeridas em uníssono, como uma revolução conjunta que não funciona sem um ou outro, e não é possível se não em cadeia, no tempo e espaço, para que não ocorra apenas na superficialidade. Tais correlações não foram à toa: o projeto se realiza na própria busca pela liberdade, acreditando na arte como possibilidade de ser. Existe uma resposta para como atingir a completa liberdade, afinal? É possível responder esta pergunta de forma tão certa e exata? Não poderia ser a própria tentativa, quando realizada com coragem e impregnada no desejo e na vida, uma resposta, enfim?

Arrisco dizer que sim. Foucault, em toda a sua rejeição pelo uso das generalizações, sustentou as diferenças, inclusive ao pensar arte, usando Magritte como exemplo:

Magritte não se põe a copiar um pensamento; ao contrário, deixa-se fazer por ele, naquilo que ele próprio cria. Estamos falando aqui da linguagem instituinte, em todo o seu mistério, em que o criador torce as linguagens existentes, do mundo empírico e cotidiano, e nos oferece a **diferença**. A pura diferença, que por sua vez nos põe a pensar distinto do que pensávamos antes. (FISCHER, 2015, p. 950, grifo nosso)

O pensamento não se copia, assim como mostra-se castrador padronizar as subjetividades. O “pensar distinto”, o refazer-se, permite a existência do estranhamento e da singularidade. Nas palavras de Foucault, “meu problema é a minha própria transformação” (2014, p. 204, apud FISCHER, 2015, p. 947). O ser em disputa com si mesmo, revirando a si para encontrar-se com si. Para Foucault, a subjetividade acontece no corpo. Nesse lugar, o pesquisador aborda o cuidado de si

e a responsabilidade que este exerce sobre todo um coletivo - o cuidado ético de si, para que exista, é preciso de um outro - uma vez que se trata de uma obrigação que nos assegura a liberdade ao nos tomarmos de nós próprios. Tal cuidado é um trabalho e uma arte a ser aperfeiçoada:

Por ora, contento-me em sugerir que Foucault era e estava [...] ocupado com a verdade e com a criação, o que não se separa da ideia de um exercício de força sobre si mesmo, de um trabalho intelectual, ético e estético, que nos coloca numa posição quase de Sísifos, aceitando começar sempre e outra vez nossa jornada, no sentido de um desprendimento de nós mesmos, de uma modificação lenta e árdua em relação àquilo que somos e pensamos. (FISCHER, 2015, p. 947)

É nesse lugar de entrega e autodestruição para transformação, coragem e desejo, que é possível farejar os rastros da liberdade. Sem essa chama urgente de morte e vida, paradoxalmente, não poderíamos viver. Segundo Brandão (2015, p. 281), “onde há liberdade, o poder se investe” e “a liberdade aparece na duplicidade poder-resistência”. A liberdade total não existe; a disputa por ela, no entanto, está presente e, a partir da disputa se dá a liberdade – a liberdade é a própria disputa, e funciona como em um cabo de guerra. Ela coloca a subjetivação em rivalidade à sujeição. Na complexidade do tempo e da história, não existe um início, meio ou fim: enquanto estamos vivos, estamos sempre no meio, até acabar, e transferirmos a responsabilidade, com menos peso, às mãos da posterioridade - como algo precioso que levou anos para ser esculpido por diversas mãos, quando parecia não haver mais fôlego. Assim como Foucault em sua vida e pesquisa, recuso a limitação pelas generalizações. Ao invés da certeza, apresento e aposto no risco.

Sempre regado pelo desejo de revolução e pelas novas formas de relações humanas, o Michel Foucault do final de sua vida é um pensador da liberdade acima dos aprisionamentos. Este reconhece que a liberdade é uma prática – ela está face a face com o poder, rivaliza a sujeição, é uma arte de luta.

Nessa pesquisa que entrelaça liberdade e cuidado de si, Foucault exalta um sujeito em recusa do que lhe foi dado, aberto para as mais profundas transformações em um trabalho árduo de retorno a si mesmo dentro de toda sua autenticidade. É nesse ringue que se criam as novas formas de subjetividade, e o corpo é o próprio

instrumento de luta e de pensamento. O corpo em conexão com a alma, para que ambos não adoeçam, sendo um equivalente ao outro, frente às instâncias de controle. Agindo sobre o seu desejo, acende-se a chama da coragem para se reapropriar do próprio corpo que foram lhe tomadas as rédeas.

O pintor que se transforma ao criar uma pintura, o músico que se entrega e arrisca novas possibilidades diante das invenções de novas corporalidades, faz da arte a própria vida. Desnudar-se exige coragem para “reduzir-se ao elementar da existência” (FOUCAULT, 2014, p. 164, apud FISCHER, 2015, p. 953). Para assumir riscos por meio de um projeto cuja finalidade é propor formatos que se infiltram às normas impostas pelo capital e suas instituições de poder, é preciso penetrar até que se criem rachaduras.

Que as rédeas sejam novamente nossas; e que a arte possa ser instrumento de luta.

PARTE IV: PROPOSIÇÃO PROJETUAL

Apresentação

A banda TRANSalgumaCOISA pretende realizar o lançamento do projeto "Verdura Real", que contará com um álbum gravado ao vivo, uma *live session* realizada a partir do dia gravação e um minidocumentário. A ideia surge por consequência da dinâmica do grupo, cujas criações se dão de forma espontânea e a música se firma na presença do ao vivo e na sintonia entre os integrantes no momento de conexão. Com uma presença no agora tão marcante, a TRANSalgumaCOISA percebe que precisa recorrer às brechas entre os nós dos formatos tradicionais da indústria fonográfica de hoje. O projeto surge então como uma busca por uma proposta subversiva e genuína à forma de apresentar a própria arte, por meio da realização de material de registro sonoro e visual que acompanha o projeto da banda. A sonoridade de "Verdura Real" é indefinida, e nasce a partir da transa musical entre os integrantes junto às suas letras regadas de poesia e de uma criativa brincadeira entre palavras. "Verdura Real" aborda sobre as intensidades do agora, a liberdade do ser na presença, sobre a entrega à simples magia entre o ser humano em seu modo mais livre e a natureza, para estar no mundo em constante movimento, no trans, em constante transformação e transmutação.

Objetivos

O objetivo do projeto "Verdura Real" é realizar o lançamento de um álbum de 6 canções autorais, o qual será gravado ao vivo em estúdio, sendo esta gravação registrada em vídeo para o lançamento conjunto de materiais audiovisuais os quais se caracterizam por uma *live session* e um minidocumentário de 3 episódios do processo. O material audiovisual contará com a presença de outros artistas para além da banda e elencará as linguagens artísticas visuais, de teatro e performance ao material principal. Tais materiais serão distribuídos de diversas formas, em mídias físicas e digitais, buscando acessibilidade e diversos formatos de distribuição para atingir o público e permitir o amplo acesso ao material de forma gratuita. O álbum também será lançado em plataformas que valorizam o artista e possibilitam o download do material de modo que o ouvinte possua a opção de colaborar financeiramente com o projeto.

Estratégias de ação

- Realizar ensaios de banda, performers e reuniões entre equipes, fora e dentro do estúdio de gravação e filmagem.
- Realizar gravação e filmagem do projeto em um dia inteiro no estúdio com a presença de toda a equipe (produção, artistas, performers, arte, cenografia, figurino, equipe de filmagem e equipe de gravação).
- Produzir impressões do álbum físico e a distribuição de 30% de sua produção.
- Realizar o lançamento e distribuição do álbum + materiais audiovisuais em sites, plataformas, locais e eventos selecionados.

Plano de divulgação

- Lançar teasers com imagens do material audiovisual nas mídias sociais da banda previamente à data oficial de lançamento.
- Disponibilizar pré-save do álbum “Verdura Real” nos dias que antecedem seu lançamento.
- Lançar álbum nas plataformas Tidal, Youtube, Souseek e Bandcamp, sendo neste último o download passivo de compra dentro do formato “pague quanto puder”, havendo também link direto para download gratuito, estando todos os sítios reunidos em uma única plataforma virtual (ex: Linktree).
- Criar e disponibilizar um site que conste com uma interface criativa e interativa da TRANSalgumaCOISA de forma acessível, onde reúna registros e informações, e seja um espaço de acesso multimídia dedicado ao projeto “Verdura Real”. O site também terá seu endereço de acesso incluso na plataforma virtual do item acima.
- Distribuir 30% do álbum físico em espaços públicos e privados dedicados à arte na cidade de Niterói, Rio de Janeiro e São Paulo, assim como exibir o material audiovisual em parceria com alguns de tais espaços.
- Criar código QR code que encaminhe para o endereço virtual onde se encontrará todas plataformas e site, para ser distribuído em eventos, lambes, etc.
- Divulgar links, locais parceiros e possíveis eventos nas mídias sociais da banda.

Contrapartidas

Como contrapartida social, o projeto prevê a distribuição de 30% dos álbuns físicos impressos em locais selecionados, onde 20% serão disponibilizados para espaços privados parceiros da banda dedicados à arte na cidade de Niterói, Rio de Janeiro e São Paulo, e os outros 10% à espaços públicos de arte e cultura na cidade de Niterói e Rio de Janeiro, de forma gratuita.

Para além da distribuição, a TRANSalgumaCOISA busca, a partir do projeto “Verdura Real”, divulgar e expandir plataformas de acesso à música, tanto as que conferem maior acessibilidade ao público quanto às que garantem melhores direitos ao artista de maneira mais justa comparado a outras plataformas de streaming, para não somente divulgar a música, mas como as próprias plataformas. Dessa forma, coloca-se em questão as formas como se consome e se produz música nos tempos recentes e como tanto público e artista estão submetidos a estes meios.

Público Alvo

O projeto se volta ao público de amantes de música todas as idades, uma vez que sua sonoridade e arte é tanto jovem e vanguardista, quanto é passível de ser admirada por um público mais velho, ao se utilizar de ritmos musicais de diferentes tempos da história da música. Busca-se inclusive atingir grupos sociais minoritários uma vez que estes fazem parte da composição do grupo e as importantes questões que giram entorno das diferentes minorias tratam-se de valores propagados pela banda como discurso social e político.

Cronograma de execução

Tabela 1: Cronograma

cronograma geral: TRANSalgumaCOISA - Verdura Real																								
atividade	mês 1				mês 2				mês 3				mês 4				mês 5				mês 6			
semanas	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4
pré-produção																								
reuniões de produção																								
reuniões de equipes de direção																								
desenvolvimento da estratégia de comunicação																								
decupagem de roteiro																								
estudo e desenvolvimento do desenho de produção e logística																								
confeção de material do cenário/figurino para filmagem																								
realização de 4 ensaios entre performers e preparação de elenco																								
realização de 4 ensaios da banda para gravação																								
ensaio técnico pré-gravação com toda equipe																								
produção (set de gravação e filmagem)																								
locação de equipamentos																								
montagem de equipamentos de som																								
montagem de cenário e preparação de figurinos																								
gravação e filmagem																								
desmontagem																								
pós produção																								
mixagem e masterização de áudio																								
montagem/edição/correção de cor/finalização de som e imagem																								
confeção da arte do álbum e de mídias de divulgação																								
edição de teasers para divulgação dos lançamentos																								
criação do site																								
execução de assessoria de imprensa																								
divulgação nas redes sociais (mídias e conteúdos)																								
prensagem de CDs																								
lançamento do site																								
lançamento de álbum e de material audiovisual nas plataformas virtuais																								
distribuição de qr code para divulgação																								
distribuição de álbuns nos pontos selecionados																								
prestação de contas																								

Orçamento

1. Discriminação e detalhamento do orçamento:

As despesas do orçamento se discriminam e justificam da seguinte forma:

- A produção executiva se responsabilizará pelo planejamento e funcionamento do projeto como um todo, estabelecendo as metas de cada etapa controlando sua logística e mantendo o cronograma em ordem. A assistência de produção facilitará na manutenção das metas e cronograma por meio da comunicação e pequenas ações que são essenciais para a execução do trabalho, em comunicação com toda a equipe.

- Os músicos estão descritos detalhadamente por cada integrante.

- O produtor musical do estúdio estará presente no dia de gravação e será responsável por executar posteriormente a mixagem e masterização.

- A produção de set será responsável pela produção do dia de filmagem e às questões referentes ao set, estando em comunicação constante com a equipe de produção, em conjunto com as equipes de direção de arte do audiovisual.

- Haverá uma pessoa responsável pela direção e pela composição do roteiro, e uma voltada para a direção de arte.

- O figurinista e cenógrafo possuem papel essencial para o material audiovisual, de forma a vestir os músicos e performers e criar o ambiente cenográfico para o momento da filmagem. Ambos manterão comunicação com a direção cinematográfica, direção de arte e produção de set para eventuais necessidades.

- A direção de fotografia estabelecerá junto às outras equipes escolhas direcionadas ao desenho e elementos de câmera/fotografia e executará a filmagem do audiovisual junto ao assistente de fotografia.

- A fotografia still estará presente no dia da filmagem e ensaios da banda para realizar fotos e gravações a serem utilizadas no material de divulgação ou como parte dos produtos audiovisuais finais.

- O preparador de elenco realizará a preparação e ensaios de performers para o dia de filmagem.

- O editor de vídeo realizará a edição final do material audiovisual principal do projeto.

- O material de arte considera os elementos de figurino e cenografia do projeto.

- O valor do pacote para locação de material audiovisual foi pensado conforme as indicações das equipes do audiovisual. A verba do material de arte será compartilhada entre a equipe de arte para a confecção do cenário e figurino. As outras despesas foram calculadas a partir de valores conferidos.

- A verba de produção inclui materiais de escritório, impressões, pequenos materiais etc. necessários para a execução do projeto ao longo de todo o processo.

- Os valores de alimentação e transporte foram calculados conforme a quantidade de pessoas para cada dia de ensaio e para o dia da gravação/filmagem.

- O site será uma plataforma virtual interativa oficial da TRANSalgumaCOISA voltada para o projeto onde se encontrará os materiais realizados disponíveis a todo o público.

- A assessoria de imprensa e a administração das redes sociais servirão para a divulgação do lançamento do projeto. O administrador das redes ficará responsável pela verba de impulsionamento das postagens nas redes sociais. Haverá uma pessoa responsável somente pelas medidas de acessibilidade que trabalhará em conjunto com a equipe de divulgação e do site, assim como também atuará nos produtos finais do projeto, por meio de medidas acessíveis às necessidades de PCDs (pessoas com deficiência).

- Haverá um designer responsável pela arte do álbum e material de divulgação, e outro para a criação do site da banda.

- Haverá uma pessoa específica para a montagem dos teasers de divulgação.

- Há no orçamento um valor reservado às taxas dos direitos e fonograma das músicas do álbum e outras eventuais taxas.

2. Planilha orçamentária

Tabela 2: Orçamento

planilha orçamentária: TRANSalgumaCOISA - Verdura Real						
gravação de álbum ao vivo e filmagem para lançamento de álbum e de material audiovisual.						

pessoal						
gravação de álbum						
etapa	despesa	quantidade	unidade	quantidade (unidade)	valor unitário	valor total da despesa
pré-produção, produção, pós-produção	produção executiva	1	projeto	1	2500	2500
	assistente de produção	1	projeto	1	1800	1800
pré-produção e produção	vocalista	1	diária	6	400	2400
	guitarrista	1	diária	6	400	2400
	baterista	1	diária	6	400	2400
	rabequeiro	1	diária	6	400	2400
pós-produção	produtor musical	1	faixa	7	300	2100
total de pessoal gravação						16000
filmagem audiovisual						
etapa	despesa	quantidade	unidade	quantidade (unidade)	valor unitário	valor total da despesa
	produção de set	1	serviço	1	1000	1000
	direção/roteiro	1	serviço	1	1000	1000
	direção de arte	1	serviço	1	1000	1000
pré-produção e produção	figurinista	1	serviço	1	900	900
	cenógrafo	1	serviço	1	900	900
	direção de fotografia	1	serviço	1	1000	1000
	assistente de fotografia	2	serviço	1	700	1400
	fotografia still	1	serviço	1	800	800
	preparação de elenco	1	serviço	1	1000	1000
pós-produção	performers	5	cachê	1	1000	5000
	edição de vídeo/montagem	1	serviço	1	900	900
total de pessoal filmagem						14900
total de pessoal						30900

estrutura						
etapa	despesa	quantidade	unidade	quantidade (unidade)	valor unitário	valor total da despesa

pré-produção	locação estúdio (ensaios)	5	hora	3	80	1200
	locação estúdio (gravação)	1	diária	1	800	800
	material de arte	1	verba	1	1800	1800
	locação material de audiovisual	1	equipamento	1	2800	2800
pós-produção	prensagem de CD's	1	unidade	500	1,82	910
total de estrutura						7510

logística						
etapa	Despesa	quantidade	unidade	quantidade (unidade)	valor unitário	valor total da despesa
produção	verba de produção	1	verba	1	700	700
	alimentação ensaios	8	diária	5	30	1200
	transporte ensaios	8	diária	5	20	800
	alimentação filmagem/gravação	17	diária	1	30	510
	transporte filmagem/gravação	17	diária	1	20	340
	hospedagem de site + domínio	1	pessoa	2	150	300
total de logística						3850

divulgação, mídia e comunicação						
etapa	despesa	quantidade	unidade	quantidade (unidade)	valor unitário	valor total da despesa
pós-produção	assessoria de imprensa	1	serviço	1	800	800
	administração de redes sociais e criação de conteúdo	1	serviço	1	800	800
	impulsioneamento nas redes sociais	1	verba	1	600	600
	legendagem/acessibilidade	1	serviço	1	500	500
	designer (arte do álbum e material de divulgação)	1	serviço	1	900	900
	webdesigner (site)	1	serviço	1	1000	1000

	edição de material audiovisual de divulgação (teasers)	1	serviço	1	900	900
total de divulgação, mídia e comunicação						5500
custos administrativos						
etapa	despesa	quantidade	unidade	quantidade (unidade)	valor unitário	valor total da despesa
pós-produção	registro de músicas Biblioteca Nacional	1	faixa	7	16,75	117,25
	registro de músicas UBC	1	faixa	7	20	140
	administração financeira	1	serviço	1	1200	1200
	tributos e taxas	1	verba	1	200	200
total de custos administrativos						1457,25
resumo financeiro						
valor total da proposta						49217,25

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOLSONI, Betania Vicensi. O cuidado de si e o corpo em Michel Foucault: perspectivas para uma educação corporal não instrumentalizadora. In: IX ANPED SUL 2012: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012, Caxias do Sul, RS. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1577/920>> Acesso em: jan. 2021.

BRANDÃO, Ramon T. P. Foucault e o cuidado de si: os caminhos possíveis de uma subjetividade contemporânea autônoma. Mestrando UNIFESP. In: Seminário dos Estudantes de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar, 11., 2015, São Carlos, SP. Anais... São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2015. p. 279-291.

CALDAS, Igor. Estudantes da UFF ocupam prédio inacabado há 3 dias. Blogspot Ocupa IACS, Niterói, 2 set. 2016. Disponível em: <<http://ocupaiacs.blogspot.com/2016/09/estudantes-da-uff-ocupam-predio.html>>. Acesso em: jan. 2022.

CARPES, Giuliander. Com obras paradas na UFF, alunos têm de passar por “quartirão do perdeu”. Rio de Janeiro, UOL, 13 set. 2013. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2013/09/13/com-obras-paradas-na-uff-alunos-tem-de-passar-por-quarteirao-do-perdeu.htm>>. Acesso em: jan. 2022.

ESTUDANTES ocupam prédio na UFF. O São Gonçalo, São Gonçalo, 23 set. 2016. Disponível em: <<https://www.osaogoncalo.com.br/geral/18429/estudantes-ocupam-predio-na-uff>>. Acesso em: jan. 2022.

FISCHER, Rosa M. B. Arte, pensamento e criação de si em Foucault: breve ensaio. Currículo sem Fronteiras, v.15, n.3, p. 945-955, set/dez. 2015. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol15iss3articles/fischer.pdf>>. Acesso em jan. 2022.

GIL, José. As pequenas percepções. In LINS, Daniel (org.) Razão Nômade. Forense Universitária: Rio de Janeiro, 2005.

KANDINSKY, Wassily. Do espiritual na arte. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

MANSUR, Ana; GUIMARÃES, Celso. Magia e ação no processo criativo: fluxo entre intuição e estrutura como catalisador projetual. Brasília: Revista de Design, Tecnologia e Sociedade, v. 4, n. 2, p. 32-44, 2017.

MARCELO, Fabiana de Amorim; FISCHER, Rosa M. B. Cuidar de si, dizer a verdade: arte, pensamento e ética do sujeito. Revista Pro-Posições, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 157-176, maio/ago. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pp/a/c7ZYDQC7gTP7JnPSXmVQsqn/?format=pdf>>. Acesso em jan. 2022.

MARIANO, Carol; MARCON, Tulio. Oficinas Culturais do Estado de São Paulo. Portal do som: Objeto Sonoro – Confecção de Instrumentos. Youtube, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pWQMkNFEEyl>>. Acesso em: jan. 2022.

PASSARELI, Matheusa. Cartografia Social do Crescimento e Desenvolvimento. [201?]. Disponível em: https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2018/05/txt_matheusa_cartografia.pdf. Acesso em: jan. 2022.

PASSARELI, Matheusa. O Rio de Janeiro continua lindo e opressor. 2017. Trabalho (Disciplina de Gravura) – Curso de Artes Visuais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2018/05/matheusa-o-rio-de-janeiro-continua-lindo.pdf>>. Acesso em: jan. 2022.

Prefeitura de Niterói planeja entregar novo IACS até meados de 2022. Prefeitura de Niterói, Niterói, 18 nov. 2021. Disponível em:

<<http://www.niteroi.rj.gov.br/2021/11/18/prefeitura-de-niteroi-planeja-entregar-novo-iacs-ate-meados-de-2022/>>. Acesso em: jan. 2022.

RICIERI, Rafael; CASTANHEIRA, Ludmila. Artaud, Grotowski, o ritual e o transe: teatro de memórias em ação transformadora do corpo. Campinas: Editorial ILINX: Revista do LUME, 10. ed. p. 22-31, 2017.

SOUZA, Kelmes Holanda de. Foucault: a educação para a autonomia. 2019. 100 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

UFF e Prefeitura de Niterói anunciam início das obras do novo prédio do IACS. A Tribuna, Niterói, 25 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.tribunarnj.com.br/uff-e-prefeitura-de-niteroi-anunciam-inicio-das-obras-do-novo-predio-do-iacs/>>. Acesso em: jan. 2022.